

UMA VOZ ENTRE A PERIFERIA E O CENTRO

Profa. Dra. Maria Analice Pereira da Silva¹ (IFPB)

Resumo

A história de *Dois irmãos*, do escritor Milton Hatoum, acontece na cidade de Manaus. Seu tempo narrativo atravessa fatos históricos importantes para a contextualização de seus personagens: inicia-se em 1914, ano marcante para a história da humanidade, com a Primeira Guerra Mundial, e vai até o final da década de 1960, época de Ditadura Militar no Brasil. Esse chão histórico manauara, que registra transformações pelas quais passou a cidade durante quase todo o século XX, configura-se no romance *Dois irmãos* tendo como contexto de primeiro plano alguns fatores de miscigenação. O narrador-personagem Nael, por exemplo, é, ao mesmo tempo, impulsionador e resultado desse processo, levando-se em consideração que, além de nascer de uma relação de miscigenação, ele dá origem a sua narrativa. Não se trata, exclusivamente, de uma história de imigrantes, mas no romance está representado um hibridismo que se apresenta na própria técnica narrativa, na medida em que o narrador-personagem Nael concede voz a outros interlocutores e apresenta um enredo marcado pela ambivalência e pelo entrecruzamento de ações, de pensamentos e de sentimentos, que são do próprio narrador, mas também de seus principais interlocutores: a mãe Domingas e o avô Halim. Por essa razão, a análise do romance que ora se apresenta busca verificar uma certa via de mão dupla – da transição de ser periférico para a condição de narradora de seu interlocutor-narrador Nael e vice-versa, ou seja, nesse jogo entre o falar e o silenciar, da margem para o centro da narratividade – em que a índia Domingas amplia a ótica narrativa por meio da qual a história de *Dois irmãos* é contada, constituindo, assim, uma das vozes mais importantes dessa narrativa, porque o seu posicionamento, inclusive em relação aos gêmeos Omar e Yakub, protagonistas da história, contribui para a desconfiança do narrador Nael e, conseqüentemente, para a ambivalência em torno da sua paternidade. Essa ambivalência é considerada, nessa análise, força motriz do romance, sendo, portanto, exatamente sobre essa força motriz que esta análise debruça.

Palavras-chave: Manaus, romance, ambivalência.

1 Introdução

Em entrevista à Revista Magma-USP¹, Milton Hatoum fala da “conjunção entre uma topografia afetiva e outra social”, para mostrar que o que se configura em seus romances enquanto elementos de miscigenação (duas línguas, duas religiões, por exemplo) serve para refletir os conflitos e, nas palavras do escritor, como “motivos romanescos”. Noutras palavras, consideremos o equívoco em classificar a obra de Hatoum, por exemplo, como “literatura de imigrantes”, como ele mesmo sinaliza. Mas mesmo assim, num raciocínio diferente, vejamos como define Stefania Chiarelli²:

Hatoum situa seus personagens no hibridismo, no lugar em que o brasileiro, o manauara e o árabe se encontram e se interpenetram. Assim, a noção de relatividade se opõe ao sincretismo, ao único, inúmeras vezes evocado quando se fala da sociedade brasileira.

Esse hibridismo se apresenta na própria técnica narrativa, na medida em que o narrador concede voz a outras vozes e apresenta um enredo marcado pelo relativismo, pela ambivalência, enfim pelo entrecruzamento de ações, de pensamentos e de sentimentos.

2 Entre a periferia e o centro: uma voz de afetos

¹ CRISTO, M. da L. P. *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente Dois irmãos e Cinzas do Norte* de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas / UNINORTE, 2007. p. 27-28.

² CHIARELLI, S. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 3

Ao passo em que o narrador Nael fala de si, revela a identidade da mãe: Domingas, uma indígena do Amazonas que saiu do orfanato para morar, ainda criança, com Halim e Zana, o que significa dizer que, para o narrador Nael, definir a própria identidade é também definir a identidade da mãe Domingas, que passa a fazer parte da família, através do nascimento de seu filho Nael, mas continua sendo tratada como empregada que mora nos fundos da casa do patrão, num quatinho úmido e separado por um quintal com uma “velha seringueira”.

É desta ramificação *torta* de uma família composta por cinco membros [Halim, Zana, Omar, Yakub e Rânia], que surge a narratividade, ou seja, é da voz do neto bastardo do chefe desta família que a trama se desenvolve. É, portanto, de seu ponto de vista, que as ações dos personagens são apresentadas, inclusive a alusão à endogamia que é rompida pelo surgimento do personagem Nael. Noutras palavras, Nael é narrador que comanda a narrativa e, ao mesmo tempo, personagem que provoca tantas indagações. É justamente nessa identificação dos personagens, Nael e Domingas, que o narrador (re)conhece, inclusive através das lembranças da mãe, sua origem indígena e que é fruto de uma relação entre duas pessoas que representam dois povos distintos e distantes.

Domingas saiu de um orfanato para morar na casa de Zana e Halim, uma família sem sobrenomes, vale ressaltar, para ser empregada, em troca de moradia e o necessário para sua sobrevivência. Um tipo de exploração de mão-de-obra ao estilo da cultura do “favor” do Brasil do século XIX recém ex-escravista, amplamente representada na obra de Machado de Assis sob a denominação de “agregado”, conforme indica Roberto Schwarz³:

Esquematisando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o ‘homem livre’, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande. O agregado é sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm.

Se Domingas pode ser definida como agregada, tomando emprestado o termo de Roberto Schwarz, ao gerar um filho com um dos gêmeos (donos da casa que a ‘agregou’), este herda a condição social de agregado também, assim podendo ser caracterizado, mas, noutros termos, como galho torto, bastardo, do ramo central da família. Nael soma, portanto, a situação de *bastardo* à de *agregado*. É desta voz narrativa que a história é proferida, uma voz, ao mesmo tempo posicionada em ângulos diferentes, mas contíguos: **do centro da história pela sua condição de personagem que viveu e testemunhou as ações do enredo, bem como da margem pela sua condição social de agregado, ou de “empregado” sem remuneração e ainda pela condição de bastardo, à margem da afetividade natural que poderia receber de uma família:**

Podia freqüentar [*sic*]o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam. Quando não estava na escola, trabalhava em casa, ajudava na faxina, limpava o quintal. Ensacava as folhas secas e consertava a cerca dos fundos. Saía a qualquer hora para fazer compras, tentava poupar minha mãe, que também não parava um minuto. Era um corre-corre sem fim. Zana inventava mil tarefas por dia, não podia ver um cisco, um inseto nas paredes, no assoalho, nos móveis. [...] Além disso, havia os vizinhos. Eram uns folgadoes,

³ SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000. p. 16 (grifo do autor).

pediam a Zana que eu lhes fizesse um favorzinho, e lá ia eu comprar flores numa chácara da Vila Municipal, uma peça de organza na Casa Colombo, ou entregar um bilhete no outro lado da cidade. Nunca davam dinheiro para o transporte, às vezes nem agradeciam. Estelita Reinoso, a única realmente rica, era a mais pão-dura. (*Dois irmãos*, p. 82)

Sob a ideologia do favor, para melhor analisar estes dois personagens – Nael e Domingas – podemos perceber que, mais do que “enquadrar” tais personagens nesta ou naquela ideologia e/ou tipologia social, o romance de Milton Hatoum problematiza essas posições: por um lado, não é de todo equivocada categorizá-los como agregados, segundo a tese de Roberto Schwarz; por outro lado não dá para passar ao largo da sugestão de uma condição escrava em que vive Domingas:

Uma vez, na noite de um sábado, enervada, enfadada pela rotina, ela quis sair de casa, da cidade. Pediu a Zana para passar o domingo fora. A patroa estranhou, mas consentiu, desde que Domingas não voltasse tarde. *Foi a única vez que saí de Manaus com minha mãe*. Durante a viagem, Domingas se alegrou, quase infantil, *dona de sua voz e do seu corpo*. (*Dois irmãos*, p. 74, grifos nossos)

Órfã de pai e mãe, morando num orfanato onde aprendeu a ler e a escrever, além de outras prendas domésticas, Domingas muda-se para a casa de Zana e Halim para trabalhar como empregada doméstica, mas em nenhum momento se fala em remuneração, portanto, numa situação que beira um trabalho aos moldes do escravismo, pois Domingas não estuda, vive confinada dentro de seu quartinho aos fundos da casa dos patrões, quando não está arrumando, limpando, num corre-corre sem fim. Trata-se, portanto, de uma exploração, pois ela é responsável pela manutenção da ordem da casa, incluindo os ditames caprichosos de seus patrões, sobretudo do gêmeo Omar:

Senti suas mãos [de Domingas] no meu braço; estavam suadas, frias. Ela me enlaçou, beijou meu rosto e abaixou a cabeça. Murmurou que gostava tanto de Yaqub... Desde o tempo em que brincavam, passeavam. *Omar ficava enciumado* quando via os dois juntos, no quarto, logo que o irmão voltou do Líbano. ‘*Com o Omar eu não queria...* Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, brutalhado... *Ele me agarrou com força de homem*. Nunca me pediu perdão.’ (*Dois irmãos*, p. 241).

Falta-lhe a liberdade própria dos que praticam e/ou são beneficiados pelo ‘favor’ e, nesse campo, as relações são bem mais complexas, como explica Roberto Schwarz⁴:

O escravismo desmente as idéias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular. O elemento de arbítrio, o jogo fluido de estima e auto-estima a que o favor submete o interesse material, não podem ser integralmente racionalizados.

Depreendemos, assim, que, da própria condição social de Domingas podemos identificar a ambivalência, princípio estético e temático formalizador do romance em questão, como já foi referido: Domingas é explorada pela família dos gêmeos, porém, muito pior era no orfanato, o que problematiza ainda mais a sua condição social, a sua estima e a sua auto-estima:

⁴ SCHWARZ, As idéias fora do lugar, p. 17.

Detestava o orfanato e nunca visitou as Irmãzinhas de Jesus. Chamavam-na de ingrata, mal-agra-decida, mas ela queria distância das religiosas, nem passava pela rua do orfanato. A visão do edifício a oprimia. As palmadas que levou da Damasceno! Não escolhia hora nem lugar pra tacar a palmatória. Estava educando as índias, dizia. Na casa de Zana o trabalho era parecido, mas tinha mais liberdade... Rezava quando queria, podia falar, discordar, e tinha o canto dela. (*Dois irmãos*, p. 77)

Ao ser questionado sobre sua herança literária⁵, Milton Hatoum se refere a Flaubert, especificamente ao conto “Um coração simples”⁶, cuja personagem principal, Félicité, o inspirou na feitura de Domingas. Vejamos o que afirma Samuel Titan Jr. Sobre o conto de Flaubert:

[...] o conto trata com honras de personagem principal uma figura que, o mais das vezes, seria uma na multidão de personagens secundárias que povoam um romance. Tudo isso, vale notar, sem cair nos lugares-comuns que se poderia associar facilmente à sua imagem virtuosa e asseada. Pois talvez o mais belo de ‘Um coração simples’ seja a aliança tácita entre a criada e o narrador reticente, que coloca a serviço dela os recursos mais refinados da arte de narrar.⁷

Essa aliança entre a personagem e o narrador, de que fala Samuel Titan com relação ao conto de Flaubert, configura-se no romance de Hatoum sob a mediação de duas forças, uma representada pela relação de mãe e filho, pela afetividade, bem como pelas dinâmicas da miscigenação e a outra força representada pela relação de narradora e interlocutor, da qual resulta, em grande parte, a narratividade, sob o domínio desse mesmo interlocutor que é o narrador principal, e de cuja ótica o enredo se desenvolve. Noutras palavras, a voz do narrador, pela sua condição de filho sem pai, de *neto bastardo*, e de agregado e, portanto, periférica, vem para o centro da narratividade, pois é a partir de seu ponto de vista, mesmo contando com outros narradores, que a história de *Dois irmãos* é contada.

Essa situação periférica, marginal, de Nael e de sua mãe Domingas, ao mesmo tempo em que, por seu distanciamento, ajuda-lhe na tarefa de observador, através da qual tenta chegar às respostas almejadas, também nubla suas suposições, pois lhe favorece um olhar mais relativizado, de outras perspectivas, ou seja, de filho de ninguém, de neto bastardo, de agregado. Nael é neto de Halim e Zana, padrões de sua mãe, tem acesso ao interior da casa, à mesa em algumas refeições, mas mora com a mãe, num quatinho no quintal, separados da casa principal por uma “velha seringueira”:

Na velhice que poderia ter sido menos melancólica, ela [Zana] repetiu isso várias vezes a Domingas, *sua escrava fiel*, e a mim, sem me olhar, sem se importar com a minha presença. Na verdade, para Zana eu só existia como rastro dos filhos dela. (DI, p. 35, grifos nossos)

Domingas sugere uma condição escrava em vários sentidos: por ter sua mão-de-obra explorada; por ser submetida à gestação de um filho com um dos gêmeos; por estar submetida, enfim, aos mandos e desmandos da família. É escrava de seu silêncio, embora, contraditoriamente, seja a partir dele, ou do que ele provoca no narrador, um silêncio que por vezes se torna voz ao mesmo tempo periférica e central, que o enredo se desenvolve:

‘Louca para ser livre.’ Palavras mortas. Ninguém se liberta só com

⁵ CRISTO, op. cit.

⁶ FLAUBERT, G. *Três contos*. Tradução de Milton Hatoum e Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

⁷ TITAN JR., Samuel. Prefácio. In: FLAUBERT, op. cit., p. 10

palavras. Ela ficou aqui na casa, sonhando com uma liberdade sempre adiada. Um dia, eu lhe disse: Ao diabo com os sonhos: ou a gente age, ou a morte de repente nos cutuca, e não há sonho na morte. Todos os sonhos estão aqui, eu dizia, e ela me olhava, cheia de palavras guardadas, ansiosa por falar. (*Dois irmãos*, p. 67)

O nome justifica pelo avesso, ou seja, pela ironia, a sua condição: Domingas, relativo a domingo, o dia do descanso. Não é à toa que a única vez em que sai de casa para passear com seu filho Nael é num dia de domingo: “Pedi a Zana para passar o domingo fora. [...] *Foi a única vez que saí de Manaus com minha mãe*”. (DI, p. 74, grifos nossos).

Nessa via de mão dupla – da transição de ser periférico para a condição de narradora de seu interlocutor-narrador Nael e vice-versa, ou seja, nesse jogo entre o falar e o silenciar, da margem para o centro da narratividade – Domingas amplia a ótica através da qual a história de *Dois irmãos* é contada, e o seu posicionamento, inclusive em relação aos gêmeos, contribui para a desconfiança do narrador e, conseqüentemente, para a ambivalência em torno da paternidade de Nael:

Domingas alisava a pá escura, pronunciava um e outro nome e se sentava na cama do Caçula, meio aérea, não sei se saudosa. [...] Era diferente do quarto de Yaqub, vazio, sem marcas ou entulho: abrigo de um corpo, nada mais. Não sei qual dos dois minha mãe preferia limpar. [...] Talvez minha mãe gostasse desse contraste. (*Dois irmãos*, p. 107)

Voz, silêncio, gestos: o que Domingas fala, silencia ou faz é sempre com o propósito de, ao mesmo tempo, justificar e alimentar a desconfiança do narrador-personagem, mesmo considerando os indícios, já quase no final do romance, de que o seu pai pode ser Omar, como podemos perceber nos seguintes trechos:

No momento da morte de sua mãe Domingas:

Guardou até o fim aquelas palavras, mas não morreu com o segredo que tanto me exasperava. *Eu olhava o rosto de minha mãe e me lembrava da brutalidade do Caçula*. (*Dois irmãos*, p. 244, grifos nossos).

Nael sobre Rânia:

[...] Mas ela se ressentiu de mim, ofendeu-se com a minha omissão, com o meu desprezo pelo irmão encarcerado. No fundo, sabia o que eu remoía, o que me comia por dentro, *devia ter conhecimento do que Omar fizera com a mãe, de todos os agravos a nós dois*. (*Dois irmãos*, p. 262, grifos nossos)

Conclusão

Como princípio estético da própria técnica narrativa desenvolvida por Hatoum, e para manter a esfera ambivalente que dá forma ao romance, os indícios da possível paternidade de Nael, ao invés de sinalizarem para certas comprovações de dados que possam resolver o conflito, problematizam-no ainda mais, no sentido de confirmar que, embora este seja um grande motivador da narração, não é o único nem o maior: contar a história de Omar e Yaqub significa, para Nael, contar também a sua própria história e, para tanto, precisa ouvir outros narradores. Trata-se, portanto, de uma força motriz constituída de várias vozes que dão voz a um só narrador, cujos tema e forma são marcados pela ambivalência, pela possibilidade das possibilidades, pela atitude de relativizar. Ou seja, numa

imagem panorâmica do enredo de *Dois irmãos* podemos verificar um jogo especular em que a imagem refletida de um dos gêmeos no outro nem é seu similar, nem seu simulacro, nem tampouco o seu oposto, mas o resultado das relações desses contrários, que invés de se harmonizarem, interpenetram-se, como vasos comunicantes, cuja presença de um incorre na automática existência do outro. Ou seja, os valores de bem e de mal, por exemplo, nas caracterizações dos personagens Omar e Yaqub, não se opõem nesse romance, pelo contrário, entram num acordo tácito para a estruturação da ambivalência narrativa, que confere ao narrador a impossibilidade de saber quem é seu verdadeiro pai. Vejamos um dentre tantos trechos em que isso se configura:

A loucura da paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e todos neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada. Meus sentimentos de perda pertencem aos mortos. Halim, minha mãe. Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos. (*Dois irmãos*, pp. 263-264)

Na constituição dessa trama, o narrador tanto persegue quanto é perseguido pelo pesadelo de ser *filho de ninguém*, porque narrar sua própria história significa esmiuçar os outros personagens, adentrar em esferas humanas complexas, viabilizadas por sentimentos “desmesurados”, por atitudes sordidamente “calculadas”, justificados e justificáveis pelo próprio desenrolar da trama. Como elementos configuradores desse quadro, destacamos, ainda, as memórias e os sentimentos dos personagens demonstrados por atitudes afetuosas e desafetuosas. Tais elementos, como podemos verificar, são configurados pela posição móvel do narrador, ou seja, por uma técnica narrativa que permite ao narrador transitar pelos vários focos: o passado e o presente; a periferia e o centro; o bem e o mal etc., sempre interpenetrando-os e não simplesmente apresentado-os por meio de descrições unívocas.

Referências Bibliográficas

- CHIARELLI, S. *Vidas em trânsito: as ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume, 2007.
- CRISTO, M. da L. P. *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Relato de um certo Oriente Dois irmãos e Cinzas do Norte de Milton Hatoum*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas / UNINORTE, 2007.
- FLAUBERT, G. *Três contos*. Tradução de Milton Hatoum e Samuel Titan Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In: _____. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 5. ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

iAutor(es)

Maria Analice Pereira da SILVA, Profa. Dra.,

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB)

E-mail: marianalice@hotmail.com